

A ÓTICA DE STUART HALL: GRAMSCI E OS ESTUDOS SOBRE RAÇA E IDENTIDADE CULTURAL

Juceli Aparecida Silva¹

RESUMO

Este artigo trata da análise histórica e contextual do discurso racial e de identidade cultural na obra de Gramsci observada pela ótica de Stuart Hall. A pesquisa realizada se caracteriza como bibliográfica, pois, a fundamentação teórico metodológica do trabalho foi desenvolvida com base na revisão teórica dos autores. A perspectiva de Gramsci apontada por Hall em seu estudo evidencia a percepção peculiar de mundo de ambos os autores. Permitiu a Hall tecer seus conceitos contemporâneos a respeito das relações entre cultura, racismo e identidade cultural. Conclui-se de que Stuart Hall propõe uma nova percepção conceitual para as colaborações teóricas desenvolvidas por Antonio Gramsci.

Palavras-Chave: Gramsci. Stuart Hall. Raça. Identidade cultural.

INTRODUÇÃO

Com exceção de Verdicchio, Stuart Hall provavelmente foi um dos únicos autores a correlacionar os trabalhos de Antonio Gramsci com um discurso racial e de identidade cultural (VERDICCHIO, 1995; HALL, 2003; CARLEY, 2013). Hall (2003, p. 294-334), ao estudar a relevância dos estudos de Gramsci para o estudo da raça e da identidade cultural, desenvolve diversos pontos no qual apresenta esta contribuição tão peculiar de Gramsci à contemporaneidade.

Esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica, pois, sua fundamentação teórico metodológica foi desenvolvida com base na revisão teórica dos autores. Tendo como artigo base, o trabalho realizado por Hall (2003). Outros trabalhos também foram utilizados para auxiliarem na compreensão desta temática proposta. O artigo é dividido em etapas, onde primeiramente realiza uma breve apresentação sobre os principais autores: Stuart Hall e Antonio Gramsci. Na segunda etapa se desenvolve a discussão proposta por Hall quanto as contribuições gramscianas e por fim, apresenta algumas considerações finais.

Observou-se que a perspectiva gramsciana apontada por Hall em seu estudo evidencia a peculiaridade que estes autores possuíam de suas percepções de mundo. Desta forma, permitiu a Hall tecer uma correlação entre os conceitos de Gramsci e seus próprios conceitos a respeito das relações entre cultura, racismo e identidade cultural. Faz-se necessário

¹ Psicóloga, Mestranda em Sociologia Política pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina.

observar que existem limitações relacionadas as fragmentações existentes nos escritos de Gramsci e o momento histórico em que viveu. Conclui-se de que Stuart Hall, através de outro olhar sobre o trabalho realizado por Antonio Gramsci, apresenta uma nova percepção para as colaborações conceituais desenvolvidas pelo autor italiano.

STUART HALL

Stuart Hall (1932 – 2014) nasceu na Jamaica. Sua família possuía diferentes descendências, todas de classe média. Nasceu sendo o integrante mais negro e por esse motivo se percebia como alguém que não se encaixava. Para ele, era nítido o esforço dos pais em representar um papel a fim de poderem se encaixar na sociedade branca. Hall viveu em sua própria família as tensões coloniais clássicas. Em sua história pessoal, se recusou a aceitar os modelos dominantes de construção pessoal e cultural aos quais foi exposto. Enquanto crescia, crescia paralelo a ele o movimento de independência jamaicano, ao qual se juntou. “[...] *ansiávamos pelo fim do imperialismo, por um governo jamaicano, pela autonomia da Jamaica.*” (HALL, 2003a, p. 410).

A guerra teve um papel fundamental em sua construção de mundo. Através de suas leituras das obras de Marx, pôde compreender o contexto do colonialismo presentes no campo político da Jamaica. Após passar anos estudando na Inglaterra e de ter sido preparado por uma educação colonial, Hall afirmou que nunca seria um inglês. Sentia-se intimamente conhecedor dos dois lugares, porém sem pertencer de forma completa a nenhum deles. Afirmava que “*esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada.*” (HALL, 2003a, p. 415). Pareceu sempre ter consciência de que vinha da periferia daquele espaço e que com isso, pôde fazer suas correlações e construções sobre diáspora, racismo e etnocentrismo. Sua reconexão com o caribe e estas relações culturais se iniciaram a partir de trabalhos desenvolvidos por ele para a UNESCO (HALL, 2003a).

Na década de 1950, a Inglaterra fornecia um contexto singular para reflexão acadêmica. Juntamente com outros colegas, Hall preferiu fundar a chamada Sociedade Socialista a se filiar ao partido comunista, pois, “*o marxismo nos interessava, mas não éramos dogmáticos; éramos antistanilistas e não defensores da União Soviética [...]*”. Neste período também ocorria o nascimento da primeira Nova Esquerda britânica A *New Left*, que envolveu grandes acadêmicos como Perry Anderson, Raymond Williams, Edward P. Thompson e Richard Hoggart. (HALL, 2003a). Estes trabalhos resultaram em significativa interação com os estudos de Antonio Gramsci e Louis Althusser, haja vista que ambos, intelectuais marxistas, CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, Ed. 19, Jan./Jun., 2015

propuseram novas perspectivas de reflexão dos processos políticos e sociais de dominação. (LACLAU, 2014).

Para Carley (2013), o impacto mais significativo da teoria marxista (materialismo histórico), nos estudos de Hall, ocorreu na década de 1970. Seguindo-se até os anos de 1990. Neste período o seu trabalho se desenvolveu ligado a um quadro materialista histórico modificado (materialismo ágil), permitindo a Hall, o desenvolvimento de concepções de racionalização e dominação racial que foram significativos por todo o século 20.

ANTONIO GRAMSCI

Todas as sementes morreram, com exceção de uma que ainda não sei o que é, mas que provavelmente é uma flor e não uma erva daninha. Antonio Gramsci (DEL FRA, 1977).

Antonio Gramsci nasceu em Sardenha, uma ilha situada ao sul da Itália em 22 de janeiro de 1891 (-1937). Militante político do partido Comunista da Itália se dedicou a ser uma bandeira pela vida. Mesmo durante vinte anos de condenação, no qual passou por diversas instituições prisionais, Gramsci jamais desistiu de sua luta. Deixou à humanidade 33 cadernos escritos no período do cárcere, eles são chamados de Cadernos do Cárcere. Apenas 2 dias pós sua soltura em 1937, Gramsci veio a óbito.

Em seus Cadernos, “*Gramsci expõe seu pensamento sobre as mais diferentes questões que o inquietavam e o angustiavam, principalmente no campo da história, da filosofia, política, literatura, economia, ciência.*” (MEZZARROBA, 2005 p.7-8 e GRAMSCI, 2000a). Para Ruy Braga (GRAMSCI, 2008), os Cadernos do Cárcere resultam de uma reflexão profunda sobre questões que possibilitam a explicação da derrota do socialismo na Europa e a vitória do fascismo na Itália e na Alemanha.

Hall destaca que dada as circunstâncias em que foram escritos os Cadernos do Cárcere, eles “*representam uma proeza intelectual surpreendente.*” (Hall, 2003, p.296). Apesar disso, apresenta duas razões que torna a obra fragmentada. Primeiro, pois, alguns de seus argumentos encontram-se deslocados dos textos principais, ou em longas notas de rodapé, deixando dúvidas quanto a qual versão Gramsci considerou a principal. O segundo de destaque é de que a obra parece concreta demais e historicamente específica, limitando-se excessivamente pelo tempo e pelo contexto.

Stuart Hall (2003) compreende que Gramsci não tenha sido um “teórico geral”, ressaltando sua não experiência enquanto professor ou pesquisador teórico. Toda sua trajetória foi marcada por um comportamento enquanto intelectual político e como sendo um ativista

socialista na política italiana. Seus escritos refletiram seu engajamento mais orgânico com a sociedade. É fundamental que não haja confusão quanto ao nível de aplicação dos conceitos de Gramsci. Seus parâmetros dentro do pensamento marxista foram situados dentro dos parâmetros mais amplos do materialismo histórico. Apesar de suas teorias terem base marxista, referenciando-se a Marx, Engels, por exemplo, ele não foi um marxista no sentido doutrinário, ortodoxo ou religioso.

Quanto as contribuições à teoria marxista, Gramsci a expande em novas direções, fugindo da ortodoxia circular. Apresentou novos conceitos que não foram fornecidos pelo marxismo clássico, mas que sem os quais não seria possível explicar o mundo moderno (HALL 2003; GRAMSCI, 2000). Estes pontos são fundamentais para que se possa situar a obra dele. *“Ele é um dos primeiros ‘teóricos marxistas’ das condições históricas que dominaram a segunda metade do século vinte.”* (HALL, 2003, p. 300). No cenário brasileiro da década de 1980, teve uma grande influência no desenvolvimento de teorias da área da educação, juntamente com inúmeras outras contribuições. (SANTOS NETO, 2009).

Gramsci teve a compreensão de que seria necessário ao teórico descer a um nível de ‘modo de produção’ para a realização de seus conceitos em específicos estágios do desenvolvimento do capitalismo. Este seria um nível mais baixo e mais concreto (HALL, 2003). Este movimento exigiria, além de uma especificação histórica cuidadosa, uma importante aplicação de novos conceitos. Hall, observando estas características de Gramsci, o descreveu como sendo produtor de uma riqueza teórica. Trazendo novas ideias, paradigmas e possibilidades para os atuais estudos dos fenômenos sociais racionalmente estruturados (CARLEY, 2013).

RAÇA E IDENTIDADE CULTURAL

Os escritos de Gramsci não envolveram questões de raça e etnia, colonialismo e imperialismo, enquanto questões da contemporaneidade. O foco dos seus trabalhos, no desenvolvimento dos Cadernos do Cárcere foram os de abordar primeiramente as questões políticas de seu país, além de questões como a construção socialista na Europa Ocidental e Oriental e o fracasso das revoluções socialistas nas sociedades capitalistas desenvolvidas do “Ocidente”, o surgimento do fascismo e a função do partido na construção da hegemonia. Apesar disso, suas experiências e formação, não estavam tão distantes dessas questões (GRAMSCI, 2000, 2000a, 2008, 2010; HALL, 2003).

Alguns dos principais pontos desenvolvidos por Gramsci em seus Cadernos e que permitem a correlação com os estudos sobre raça e racismo na contemporaneidade, se

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, Ed. 19, Jan./Jun., 2015

encontram em suas correspondências, em “A Questão do Sul”² e em “A revolução contra o Capital”. “Gramsci apresenta sua concepção de raça não através de quadros sociológicos ou antropológicos, mas, sim, através de quadros filosóficos, teológicos, e humanísticos especificamente através do catolicismo.” (CARLEY, 2013). Acrescenta que o catolicismo foi fundamental para o desenvolvimento destas questões sobre raça e racismo. Tornando seu rico trabalho relevante em um contexto histórico e político.

Gramsci, nascido em uma família pobre do sul, tinha grande consciência da divisão ditada pela relação de classe que separava o norte e o sul da Itália. O norte enquanto uma região moderna e industrial e o Sul, uma região rural, subdesenvolvida e dependente. Diante desta realidade, Gramsci fez suas contribuições para o debate que viria a ser conhecido como “A Questão do Sul” (CARLEY, 2013; GRAMSCI, 1987; HALL, 2003).

Através da análise histórica de vida e conceitual de Gramsci, Hall (2003) observa que ele interrompe o raciocínio homogeneizador que até então circundava os estudos sobre racismo. Mais significantes do que as características gerais do racismo, são as formas de pelas quais essas características gerais são modificadas e transformadas pela especificidade histórica dos contextos e ambientes nos quais elas se tornam ativas; levando-se assim, em consideração não o racismo, mas os racismos. Percebe que facilmente somos persuadidos a acreditar que o racismo deseja uma prática “anti-humana” e anti-social”, como sendo algo *igual* – no singular.

Carley (2013) acrescenta de que neste contexto, o poder é dado como certo. Pode-se observar através da perspectiva de Gramsci que ao reconhecer essas bases anti-humanas e antissociais para o racismo, principalmente em suas correspondências sobre o judaísmo. Que desta forma, Gramsci analisou e explicou os determinantes e modificações específicas das práticas racistas melhor do que abordagens estruturais ou fenomenológicas que buscam um impulso raiz ou, em alguns casos, na causa.

Assim como não existe um único racismo, não existe uma “*lei de desenvolvimento*” homogênea (HALL, 2003, p. 327). Gramsci apresenta que se faz necessária a compreensão das tensões e contradições que são geradas pelos compassos e direções irregulares do desenvolvimento histórico. Usou as características nacionais como meio de explicação. A partir desta análise, é possível se observar que o racismo e suas estruturas não ocorrem em todos s

² “A Questão do Sul” trata-se do primeiro documento marxista na era moderna que abordou questões raciais enquanto questões políticas. Este foi um problema político significativo naquele tempo, em especial, um problema estratégico para o partido comunista.

pontos da formação social e que sua influência é penetrante, mas não regular ou homogeneizadora (CARLEY, 2013; HALL, 2003).

Gramsci foi irredutível nas questões de “inter-relacionamentos de classe e raça”. Apresentou uma possibilidade não reducionista ao propor não um único princípio determinante de articulação: a raça ou a classe. Sendo este um problema teórico difícil e complexo de se abordar e que “*freqüentemente tem conduzido à adoção de posições extremas.*” (Hall, 2003, p. 327). Hora, estas posições privilegiam as relações das classes subjacentes, onde todas as forças de trabalho étnica ou racialmente diferenciadas estão submetidas à mesma relação de exploração no capital e em outras circunstâncias, destaca a centralidade das categorias e divisões étnicas e raciais, em detrimento da estruturação de classe fundamental à sociedade.

A abordagem de Gramsci conduz seus leitores a questionar a validade da lei geral do valor e a sua tendência a fazer com que as pessoas homogeneizem a força de trabalho em toda a época capitalista. Distanciando-se do modelo “eurocêntrico” de desenvolvimento capitalista, torna-se passível de observação as diversas formas pelas quais o capital consegue se preservar e se adaptar em seus objetivos centrais, controlando e explorando essas qualidades particulares da força de trabalho, e desta maneira, inserindo-as em seus regimes (GRAMSCI, 2008; HALL, 2003).

Apesar da exploração frente ao capital ser o mesmo, o “sujeito de classe” não é homogêneo. Hall (2003, p. 330) compreende que Gramsci sempre “*diferencia o processo condicional, os ‘momentos’ e o caráter contingente da passagem de uma ‘classe em si’ a uma ‘classe por si’ ou dos momentos do desenvolvimento ‘econômico-corporativo’ ao ‘hegemônico’ [...]*”. Problematiza as noções simplistas, pois, nem mesmo o momento hegemônico é compreendido como simples. O momento se funda através das alianças estratégicas e não como uma identidade pré-definida.

Desde o início de sua vida política, Gramsci se opôs ao “economicismo” e já próximo ao fim de sua vida, passou a atacar rigorosamente todos os vestígios de um “economicismo” e “reduccionismo” existentes no marxismo clássico. Desta maneira, considerando-se a análise das classes e de outras forças sociais *enquanto* forças políticas, tiraria o estudo da própria política do velho modelo esquemático. Hall (2003) define que Gramsci tinha consciência de estar analisando formações estruturalmente complexas. Compreendia que a política precisa ser estudada com seus próprios conceitos e termos.

A partir da mesma lógica, Hall (2003) se refere ao Estado que é constantemente definido de forma coercitiva, dominadora e conspiratória. Gramsci faz um uso sutil da distinção entre Estado e sociedade civil, permitindo assim, que os analistas de hoje, observem bem mais

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, Ed. 19, Jan./Jun., 2015

atentamente “*as instituições e processos da chamada ‘sociedade civil’*”. (HALL, 2003, p. 331). Passando este a ser um ponto de relevância nas pesquisas e deixando de fazer parte de um plano superficial. Hall observa e destaca que o caráter ideológico no papel educativo que o Estado possui, distingue dominação de direção.

Seguindo a linha de raciocínio não reducionista, a questão cultural se mantém central no desenvolvimento social. Inclui, enquanto cultura, além das características comumente definidas, aspectos como as formas contraditórias do “senso comum”, o “nacionalismo popular”, ambos, são, para Hall (2003), referências-chave enquanto objetos da luta e da prática política e ideológica. Enfatiza que Gramsci havia compreendido a função que o fascismo exerceu na homogeneização da cultura nacional italiana. Se esta observação for transferida a outras situações, pode-se observar que as questões de raça e etnia são carregadas de fortes conotações nacionais populares ou culturais.

Através dos Cadernos do Cárcere (MEZZARROBA, 2005; GRAMSCI, 2000, 2008, 2010; CARLEY 2013; HALL, 2003), torna-se possível compreender uma das características mais comuns e menos explicadas do racismo: a “submissão” das vítimas do racismo aos embustes das próprias ideologias racistas que as aprisionam e definem. Gramsci apresenta em seu discurso que os elementos distintos e contraditórios podem estar entrelaçados e integrados aos distintos discursos ideológicos; “*mas também a natureza e o valor da luta ideológica que busca transformar as ideias populares e o ‘senso comum’ das massas.*” (HALL, 2003, p. 333). Todos estes pontos evidenciam a relevância apontada por Hall na análise das ideologias racistas no centro da luta ideológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises feitas por Stuart Hall sobre os conceitos desenvolvidos por Antonio Gramsci em seus Cadernos do Cárcere, foi possível perceber a relevância do pensamento e dos estudos de Gramsci para o cenário marxista (não ortodoxo) atual. Faz refletir sobre as formas de dominação ao qual se sofre diante do capitalismo.

Os estudos e conceitos de Gramsci influenciam o pensamento de importantes autores em todo o mundo, inclusive no Brasil. Através de seus estudos sobre os padrões históricos e políticos na Itália, pôde-se evidenciar suas contribuições para o estudo da raça e da identidade cultural. A questão racial aparece ao longo de sua carreira como intelectual, ativista, jornalista, socialista e comunista.

A partir das análises de Hall, foi possível transcender essas categorias teóricas e conceituais, mas, mais ao ponto de que isso ajuda a ligar abordagens teóricas que foram

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, Ano 8, Ed. 19, Jan./Jun., 2015

pensadas como incomensurável. Superando limitações epistemológicas. Passando a compreender os fenômenos culturais como expressões da sociedade, ou seja, como um conjunto de práticas sociais interligadas e que moldam a história.

Um ponto que surge ao final deste trabalho é de que a história de vida de Hall, tendo tido uma vida de diáspora desde o centro de suas relações familiares, passando pelas relações nacionais às questões que encontrou ao estudar na Inglaterra em um tempo e que praticamente não haviam negros lá. Reportem uma semelhança estrutural com Gramsci nascido em ma família pobre, em um país dividido pela desigualdade econômica e racial, definindo assim, ambas as identidades culturais.

THE PERSPECTIVE OF STUART HALL: GRAMSCI AND THE STUDIES ABOUT RACE AND CULTURAL IDENTITY

ABSTRACT

This article is about the historical and contextual analysis of racial discourse and cultural identity in the work of Gramsci observed through the eyes of Stuart Hall. The research is characterized as literature, therefore the methodological theoretical basis of the work was developed based on theoretical authors review. The prospect of Gramsci pointed out by Hall in his study highlights the peculiar perception of the world of both authors. Allowed Hall weave their contemporary concepts about the relationship between culture, racism and cultural identity. It is concluded that Stuart Hall proposes a new conceptual awareness to the theoretical contributions developed by Antonio Gramsci.

KEYWORDS: Gramsci. Stuart Hall. Race. Cultural identity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLEY, Robert. *Agile Materialisms: Antonio Gramsci, Stuart Hall, Rationalization, and Modernity*. 2013. Journal of Historical Sociology. v. 6, ed. 4. p. 413-441. Disponível em: <http://apps.webofknowledge.com/full_record.do?product=UA&search_mode=GeneralSearch&qid=1&SID=3AsqgZFWAdBnhBQkynM&page=1&doc=2>. Acesso em: 14 de dezembro. 2014.

GRAMSCI. Antonio. *Americanismo e fordismo*. São Paulo: HDRA LTDA, 2008.

_____. *Apontamentos e notas dispersas para o grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais*. In: Cadernos do Cárcere (vol. 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 13-53.

_____. *Cartas do Cárcere* (vol. 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a, p. 82-86.

_____. *O sul e a guerra*. In: PARLATO, Felice Franco de. A questão meridional, (Org.). Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.

_____. *Socialismo e Cultura*. In: GRAMSCI, Antonio. Escritos políticos. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010. p. 51-55.

DEL FRA, Lino. *Antônio Gramsci: Os dias do cárcere*. 1977. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7m0XFL-OHaA> >. Acesso em: 01 de dezembro. 2014.

HALL, Stuart. *A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade*. In: DEL FRA, Lino. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 294-334.

_____. *Stuart Hall por Stuart Hall*. In: DEL FRA, Lino. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003a. p. 404-433.

LACLAU, Ernesto. *Depoimento*. “La última entrevista de Ernesto Laclau con LA NACION”. Entrevista concedida a SEHINKMAN, Diego, La Nación, 13-abril. 2014.

MEZZARROBA, Orides. *Gramsci e a hegemonia*. In: LACLAU, Ernesto (Org.). Gramsci: estado e relações internacionais. Florianópolis, Fundação Boiteux, 2005. p. 07-26.

SANTOS NETO, Elydio. *PAULO FREIRE E GRAMSCI: Contribuições para pensar educação, política e cidadania no contexto neoliberal*. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n.2, p. 25-39, jul. /dez. 2009.

VERDICCHIO, Pasquale. *Introduction: The Southern Question*. West Lafayette, Bordighera Inc, 1995.